

Quem são as lésbicas? A construção de identidades lésbicas nos editoriais da revista *Um Outro Olhar*¹

Paula SILVEIRA-BARBOSA²
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO

O artigo aborda a construção de identidades lésbicas nos editoriais da revista *Um Outro Olhar*, publicada pela rede de ativistas de mesmo nome, entre 1995 e 2002. A compreensão teórica que orienta o estudo se baseia na visão do jornalismo como partícipe do processo de construção social da realidade. No que se refere à questão identitária, a investigação foi guiada por três correntes lésbicas majoritárias, a saber o Lesbianismo Feminista, o Lesbianismo Radical e o Lesbianismo Separatista. O estudo foi feito a partir de um levantamento documental de 16 edições da revista, abrangendo todo o período de circulação do periódico. Esta discussão compõe projeto de mestrado, em andamento, cujo objetivo é inserir a trajetória da Imprensa Lésbica nos estudos de História do Jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: História do Jornalismo; Imprensa Lésbica; Identidade lésbica; revista *Um Outro Olhar*.

INTRODUÇÃO

*“Estamos falando sobretudo da vida,
por mais paradoxal que seja,
pois estamos ao fazer história
o tempo todo querendo exorcizar a morte”.*
Marialva Barbosa (2004).

Neste estudo, serão analisados os editoriais³ da revista *Um Outro Olhar (UOO)*, a fim de identificar elementos para a construção social⁴ da identidade lésbica neste veículo. Trata-se de um periódico editado pela Rede de Informação *Um Outro Olhar*, que circulou

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e bolsista pela Capes. Jornalista formada pela Universidade de Brasília (UnB), e-mail: paulaesb@yahoo.com

³ Esse gênero foi escolhido para análise, por ser o espaço em que são materializadas as posições políticas e ideológicas que orientam a produção de publicações jornalísticas (cf. BELTRÃO, 1980).

⁴ A relação entre jornalismo e construção social da realidade da qual parto tem origem no pensamento de Berger e Luckhmann (1966) e Meditsch (2010). Este, a partir de uma releitura dos dois primeiros teóricos entende que o Jornalismo, enquanto instituição, participa da produção da realidade, em diálogo com outros atores sociais. Além disso, Meditsch (2010) vê o jornalismo como uma forma de objetivação da exteriorização do indivíduo, assim como um dispositivo de socialização do conhecimento.

entre 1995 e 2002, totalizando 16 edições⁵. A análise proposta aqui constitui parte de um estudo mais amplo, desenvolvido em projeto de mestrado, e que tem como objetivo contar a trajetória da Imprensa Lésbica no Brasil, de 1979 até a atualidade. Para tanto, há que se definir quem é essa figura que constitui tanto o sujeito idealizador da revista, como sua leitora: a lésbica.

Esta pesquisa é inspirada em abordagens como as de Marialva Barbosa (2007a). Ao discorrer sobre as categorias de pesquisadores de História do Jornalismo, a autora destaca aquela em que se “considera a história como um processo e, sobretudo, a imprensa na sua relação com o social” (BARBOSA, 2007b, p. 3). Nessa categoria, estão incluídos estudos como os da própria pesquisadora, que privilegiam as dimensões internas e externas dos processos de comunicação. Ressalte-se, ainda, que esses estudos relacionam os contextos sócio-históricos, possibilitando a interpretação de sinais do passado que interferem no presente.

A escolha de *Um Outro Olhar* para esta análise está relacionada a trajetória do veículo e, inevitavelmente, da equipe que o produziu. A edição dessa revista foi uma das atividades desenvolvidas pela Rede Um Outro Olhar, organização não governamental voltada para a articulação política, afetiva e intelectual entre lésbicas do Brasil e do exterior (MAIA, 2017). As ativistas envolvidas na publicação iniciaram suas trajetórias em 1979, integradas a um coletivo mais amplo que se autodenominava defensor das causas homossexuais – Somos/SP.

Já naquele momento, parte das lésbicas do grupo viram suas demandas invisibilizadas. Dessa forma, iniciaram um coletivo de ativismo independente⁶ do movimento ao qual estavam integradas e organizaram a produção do que ficou conhecido como o primeiro jornal lésbico do Brasil: o *Chana com Chana* (CARDOSO 2004; PÉRET, 2011; LESSA, 2007). Posteriormente, a publicação seria adaptada para o formato boletim. O mesmo grupo reformulou o modo de articulação política e organizacional, deixando de atuar como coletivo e constituindo-se como ONG. Nesse período, passaram a publicar o boletim *Um Outro Olhar*. E visando ampliar seu alcance,

⁵ Os exemplares foram disponibilizados, por e-mail, pela editora-chefe da publicação, a ativista Miriam Martinho, a quem agradeço pelo envio do material.

⁶ Trata-se do Galf - Grupo de ação lésbica-feminista ou simplesmente LF - lésbicas feministas.

em 1995, adaptaram o formato da publicação para revista - cujos editoriais constituem objeto de análise desta discussão.

Este trabalho se insere no bojo das pesquisas exploratórias, por isso apresenta menor rigidez de planejamento e baseia-se em um levantamento documental (GIL, 2016). Essa abordagem simplificada relaciona-se ao fato de que este é um dos primeiros passos de um trabalho maior cujo o fim é analisar o conjunto de periódicos da Imprensa Lésbica brasileira em interfaces que conjugam aspectos organizacionais e de produção de sentido. Apesar disso, este não é um estudo meramente descritivo. A partir das pistas obtidas nesta análise, já apresento algumas considerações críticas, situadas histórica e politicamente no contexto da primeira década pós-redemocratização, mais especificamente de 1995 a 2002, quando a revista esteve em circulação.

Para revelar as possibilidades de identificação enquanto lésbica, parto de três correntes teóricas desenvolvidas a partir da segunda metade do século XX e que reverberaram tanto em produções acadêmicas quanto na articulação de movimentos sociais. O período de elaboração e crítica dessas teorias (décadas de 1970 e 1980) teve seu auge no mesmo momento em que o grupo social responsável pela edição da revista atingiu seu ápice, em termos de ativismo. Por isso, parto dessas teorias, a saber: o Lesbianismo Feminista, o Lesbianismo Radical e o Lesbianismo Separatista.

Antes de proceder a uma breve definição dessas correntes, cabe destacar que elas serão adotadas apenas como ponto de partida. É possível que, com a análise dos periódicos, sejam identificados outros tipos de construção ou mesmo de desconstrução da identidade lésbica. O próprio desenvolvimento dessas três formulações teóricas, que nem sempre consideraram as categorias de raça e classe, revelam sua impossibilidade de abarcar a multiplicidade identitária que podem ser evocadas por lésbicas. Exemplo disso são as críticas feitas a tais teorizações, advindas sobretudo de mulheres não-brancas, imigrantes e provenientes da classe trabalhadora (MORAGA; ANZALDÚA, 1981).

TEORIAS LÉSBICAS

Para apresentar as teorias lésbicas que guiam esta análise, adotei a sistematização proposta pela cientista política Jules Falquet (2004). No livro em que a autora se propõe a mapear as principais correntes teóricas que pensam a existência lésbica, a teórica

Adrienne Rich é apontada como uma das precursoras da corrente chamada de Lesbianismo Feminista. Esse pensamento se funda na crítica da heterossexualidade compulsória, que apaga e, em muitos casos, até criminaliza outras formas de expressão social, afetiva e sexual desviantes da heteronorma. Rich (1980) é tida como uma das principais articuladoras dessa corrente pelas contribuições que ela traz a esse debate.

Foi naquele momento que Rich estabelece o conceito de *continuum lésbico*, uma proposta conceitual que uniria todas as mulheres, uma vez que esse termo transcende a questão da experiência amorosa e/ou sexual. Nas palavras da autora, o *continuum lésbico* consiste em:

Uma soma - por meio da vida de cada mulher e por toda a história - da experiência de identificação da mulher; não simplesmente o fato de que uma mulher teve ou conscientemente desejou a experiência sexual genital com outra mulher. Se expandirmos isso para abraçar muitas outras formas de intensidade primária entre as mulheres, incluindo o compartilhamento de uma rica vida interior, o vínculo contra a tirania masculina, a oferta e o recebimento de apoio prático e político; se podemos também ouvir isso em associações como a resistência ao casamento [...] começaremos a compreender a amplitude da história e da psicologia femininas que ficaram fora de alcance como consequência de definições limitadas, principalmente clínicas, de 'lesbianismo' (RICH, 1980, p. 648-649, grifo da autora, tradução minha).

Nesse sentido, entende-se que o Lesbianismo Feminista pressupõe solidariedade política entre as mulheres. Essa prática se funda, entre outros preceitos, na visão da lesbofobia enquanto arma contra o conjunto das mulheres. Dentro desta visão, mulheres que, independentemente de suas práticas afetivas/sexuais ameaçam a ordem patriarcal, seja reivindicando o acesso aos meios de produção, seja exercendo profissões consideradas masculinas, são caracterizadas como alvos de lesbofobia (FALQUET, 2004, p. 31). Daí o entendimento desta prática como um atentado a todas as mulheres.

O Lesbianismo Radical, por sua vez, tem em Monique Wittig uma de suas principais pensadoras. Essa teórica francesa avança sobre o conceito de heterossexualidade compulsória, pois o compreende como um regime de dominação política das mulheres, ultrapassando o entendimento que se tinha até então do sistema patriarcal. Na visão de Wittig (2006), “mulheres” e “homens” são categorias políticas que não podem existir isoladamente. Sua existência é diretamente relacionada, de modo que o referente principal é o masculino. Dessa maneira, o Lesbianismo Radical defende a extinção das categorias sexuais, dissociando, portanto, a identidade das “mulheres” da

identidade lesbiana, uma vez que ser mulher pressupõe uma existência heterossexista. A necessidade de abolição das categorias de “homem” e “mulher” ficam explícitas no seguinte excerto:

Rejeitar a obrigação do coito e das instituições que a dita obrigação tem produzido como necessárias para construir uma sociedade é simplesmente impossível, já que fazê-lo significaria rejeitar a possibilidade de constituição do outro e rejeitar a “ordem simbólica”, fazer a constituição do sentido impossível, sem o qual ninguém pode manter uma coerência interna. Assim, o lesbianismo, a homossexualidade e as sociedades que podemos criar não podem ser pensadas ou enunciadas, mesmo que sempre tenham existido (WITTIG, 2006, p. 52, tradução minha).

Já o Lesbianismo Separatista vem sendo pensado desde os anos 1970, nos Estados Unidos (FALQUET, 2004). A teorização em torno dessa corrente adquiriu interpretações diversas nos diferentes países. Genericamente, o que une as adeptas dessa corrente é a proposta de criação de espaços físicos e simbólicos habitados unicamente por lésbicas. Segundo Falquet (2004, p. 32, tradução minha), “assim como no feminismo, algumas de suas seguidoras se baseiam no essencialismo, outras se orientam para a recuperação das deusas e para a busca de uma espiritualidade diferente, enquanto outras se dedicam a criação de grupos políticos”. Ou seja, aqui, o lesbianismo é entendido como uma tática política para alcançar a utopia de uma sociedade livre da violência patriarcal e heterossexista.

A partir dessas conceituações, será verificada, na seção a seguir, qual ou quais dessas formas de identificação são evocadas nos editoriais da revista *Um Outro Olhar*.

EM BUSCA DA IDENTIDADE

Antes de iniciar a abordagem dos editoriais analisados, é importante destacar as capas da revista. O título da publicação é, em todos os números, precedido de dois símbolos do sexo feminino⁷ entrelaçados. Uma referência amplamente utilizada por ativistas lésbicas que apelam para uma representação sexual e afetiva de seus relacionamentos como caráter fundante de sua identidade. Considero importante ressaltar esse elemento de identificação identitária, pois ele ajuda a compreender o apelo dos

⁷ Trata-se da representação romana da deusa Vênus (♀), considerada a deusa do amor.

editoriais por visibilidade política, além da constante abordagem de temas como a saúde sexual e “o problema do armário”⁸.

O primeiro número da revista em análise apresenta um editorial em que se notam intenções de união entre as demandas dos movimentos feministas e de mulheres ao movimento homossexual. Nesse sentido, temos, por exemplo, a declaração de Miriam Martinho, editora-chefe da revista que assina o texto: “Cá estamos nós outra vez com o número 22 da revista *Um Outro Olhar*, ano 9, uma publicação feita exclusivamente por lésbicas, da primeira vírgula à última letra, para lésbicas – e como dizem atualmente – para suas simpatizantes”.

Talvez o editorial mais emblemático, no sentido de representar a reivindicação por uma identidade híbrida – que mescla tanto aspectos da homossexualidade quanto da existência feminina – seja o do número 34, que reproduzo integralmente abaixo.

Nesse texto, há o reconhecimento explícito de que as lésbicas constituem um grupo cujas demandas são específicas. “Evidentemente, nós, mulheres lésbicas, sabemos que a nossa questão não se encerra nas lutas pela igualdade entre pessoas hétero e homo, pois, ao contrário dos homens homossexuais, ainda nos resta uma batalha mais árdua a conquistar que é a igualdade de gênero”, diz um trecho do editorial.

⁸ Termo usado pelas produtoras da revista para se referir aos desafios de lésbicas que não expressam sua orientação sexual publicamente.

Figura 1 - Editorial de UOO, n. 34



**um outro
olhar**

Nº 34 – Ano 15
Fevereiro – Abril, 2001

Periodicidade
Trimestral

Edição
Miriam Martinho

Jornalista Responsável
Paola Patassini
Mtb 12.338

Diretora Comercial
Luiza Granado

Colaboradoras
Angela Gonçalves
Flávia Martins
Flávia Zimmermann
Margarita Pisano
Miriam Julie Liu
Paola Patassini
Roberta Jovchelevich
Rita Moreira
Stella C. Ferraz
Tika Tiritilli
Yone Lindgren

Diagramação
Natália Toshiyuki

Impressão
Van Moorssel, Andrade & Cia LTDA.

A revista Um Outro Olhar (ISSN 1415.5532) é uma publicação da Rede de Informação Um Outro Olhar, elaborada e produzida por mulheres de diferentes orientações sexuais (lésbicas, bissexuais, heterossexuais, etc...). Os artigos assinados são de responsabilidade de suas autoras.

Para assinar:
Um Outro Olhar
Caixa Postal 65092
São Paulo, SP - 01318-970
fone/fax: (0XX11) 3814-4541
e-mail: assinatura.uoo@uol.com.br

Para se corresponder com a redação:
Item endereço acima

Editorial

Em todo o mundo, progressivamente avançam os direitos das pessoas homossexuais, apesar da oposição cerrada dos setores conservadores da sociedade. Cada vez mais, países adotam mecanismos legais (parcerias, "casamentos") que permitem a casais de mulheres ou de homens garantir o patrimônio conquistado em comum e usufruir de direitos previdenciários e de adoção.

Evidentemente, nós, mulheres lésbicas, sabemos que nossa questão não se encerra nas lutas pela igualdade entre pessoas hétero e homo, pois, ao contrário dos homens homossexuais, ainda nos resta uma batalha mais árdua a conquistar que é a igualdade de gênero. Entretanto, não podemos menosprezar as conquistas na frente homossexual, tendo em vista que a falta de paridade entre casais de mesmo sexo e de sexos diferentes também nos atinge às vezes com grande dureza. São comuns os casos em que, havendo falecido uma das companheiras, a família se apodera dos bens conquistados pelo casal, pois não há leis que nos protejam (lembrem-se do pungente desempenho de Vanessa Redgrave, em *Desejo Proibido*).

Da mesma forma, quantas mães perdem a custódia de seus filhos, naturais ou adotivos, para pais ou famílias, às vezes totalmente despreparados para a educação de crianças, pelo simples fato de serem lésbicas? Aliás, o mais novo sucesso cinematográfico sobre o tema, *What Makes a Family* (literalmente O que faz uma família?), com Brooke Shields, trata exatamente da luta de uma enfermeira para manter a custódia da filha da namorada, criada pelas duas, depois que esta falece. Além disso, a igualdade de oportunidades na vida para pessoas sejam hetero ou homossexuais se insere na luta maior pelos direitos de todos os humanos, uma luta essencial para a construção de um mundo melhor.

Por isso, nesta edição do Um Outro Olhar, estamos abordando a questão da homossexualidade perante a lei brasileira, através da entrevista de Roberta Jovchelevich com os advogados da lista eletrônica Gaylawyers. Nesta matéria, você encontrará informações sobre as últimas conquistas na área legal para pessoas homossexuais, no Brasil, contatos onde procurar ajuda, em caso de discriminação, bem como indicações de leituras e de onde obter mais dados sobre o tema.

E como a gente não quer só direitos, também quer fantasia, diversão, balé, não perca a seção *Em Movimento*, desta vez com várias dicas culturais, e as seções de *Música e Vídeo*, de Angela Gonçalves, falando de fitas e CDs que você não pode perder. Não deixe de consultar os astros, para o período de fevereiro a abril, na seção de *Astrologia* de Miriam Liu, e encante-se com a entrevista super bom astral das dubladoras de Xena e Gabrielle, concedida a Paola Patassini, para o nosso *Arquivo Xena*. Saboreie as poesias de Rita Moreira, em *Poesias*, e conheça, em *Expressões*, a história de uma mãe lésbica que não encontrou problemas com os filhos, na hora de lhes revelar seu novo amor. Reflita sobre as diferenças entre lésbicas e gays, com o texto da chilena Margarita Pisano, da seção *Em Debate*, e sobre qual o modelito de sapata que você veste, em *Enfoque*, de Stella C. Ferraz. Veja, por fim, se no amor, você também é como Yone Lindgren, na base do tudo ou nada (*Expressões*) e, se for, não perca os anúncios do nosso Troca-Cartas.

Boa informação, boa diversão, bom verão e feliz ano, século e milênio novos!

Miriam Martinho

Fonte: Acervo pessoal de Miriam Martinho

Esse “hibridismo identitário” também foi evocado no número 26 da revista, quando foi relatada a trajetória de ativismo do Galf e da Rede UOO. Nessa retrospectiva, o grupo demonstra que as questões de gênero constituem parte de sua luta política tanto

quanto as questões de orientação sexual. Importante ressaltar, ainda, que as constantes referências às lutas feministas e às demandas homossexuais nos editoriais devem ser lidas também como parte de reivindicação por visibilidade dentro da própria arena dos movimentos sociais. Desde o início da trajetória do grupo, em 1979 – período em que vigorava a ditadura civil-militar – grupos de resistência ao regime apagavam as demandas da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT). Essa invisibilidade também atravessava coletivos feministas e até mesmo de homossexuais. Estes, embora se apresentassem como grupos mistos, nem sempre priorizavam pautas que extrapolavam os interesses dos homens gays (FERNANDES, 2014).

De volta ao editorial destacado acima, é possível entender que a delimitação da identidade lésbica, assim como qualquer tipo de identidade reivindicada por grupos de ativismo político, pode se constituir enquanto uma apropriação estratégica do rótulo de “diferente” imposto por grupos privilegiados socialmente aos demais.

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e linguística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas (SILVA, 2000, p. 81).

Tomando como base a teorização de Silva (2000) em torno da identidade e da diferença, pode-se entender que as lésbicas que organizam a revista *UOO* disputam a identidade lésbica não necessariamente pelo fato de se reconhecerem enquanto um grupo com características exclusivas, mas sim para garantirem direitos – sobretudo civis – que lhes foram negados ou cerceados a partir de uma concepção heteronormativa de existência e, conseqüentemente, de cidadania.

Também é importante destacar as referências ao seriado *Xena, a princesa guerreira*⁹. Esta série é considerada um marco na produção audiovisual consumida por lésbicas, em razão do relacionamento entre a protagonista Xena e a sua companheira de batalhas, Gabrielle. Na análise aqui empreendida, foram feitas sete referências ao seriado, em um total de 16 editoriais. Ou seja, a série está presente em 43,75% dos textos

⁹ Produção que conta a história de Xena, uma ex-assassina, que tenta se redimir de seu passado violento, ajudando todos os desprivilegiados que encontra em suas viagens. A trama se passa na Grécia antiga, envolvendo elementos da mitologia.

analisados. Deve-se ressaltar, ainda, que a revista passa a contar com uma seção chamada *Arquivo Xena*, no qual são discutidos os rumos da trama.

Alguns trabalhos (LESSA, 2007; GOMES 2013) já se detiveram de modo mais detalhado sobre a produção de sentidos baseado nessa série para a comunidade lésbica. Entretanto, o que interessa, neste estudo, é a valorização e difusão de uma identificação positiva das mulheres lésbicas. Nessa produção, elas são retratadas como pessoas empoderadas, independentes, engajadas na luta contra as desigualdades. Se tomamos a revista *UOO* como uma produção jornalística cujo objetivo é difundir informação e promover a consciência política das lésbicas, torna-se mais fácil entender a menção tão enfática à figura de Xena. Ao refletir sobre a edição 30 de *UOO*, que traz o seriado como matéria de capa, Patrícia Lessa (2007) demonstra o simbolismo dessa produção midiática:

Xena é o ícone lesbiano do empoderamento, da fidelidade, da sororidade no amor, explicitado, muitas vezes, por sua companheira Gabriele, pelo amor à justiça. Sua importância não decorre de uma simples admiração de fãs, mas de sua imagem [...]. Na leitura crítica de *UOO*, a elevação de modelos que inspirem novas representações para as mulheres e, em especial, para as lesbianas reforça a coalizão do grupo, aqui entendida como política de luta, de combate à opressão, tal como a princesa guerreira, que não admite ser aprisionada em um sistema que impõe valores a serem seguidos (LESSA, 2007, p. 185).

Outra abordagem identitária presente nos editoriais analisados é a perspectiva afetiva e sexual. É comum encontrar expressões como “mulheres que amam mulheres” nos editoriais da revista. Na edição 25, por exemplo, o editorial resgata a razão que motiva a publicação do periódico: “refletir não só o *jeito especial que as lésbicas têm de se olhar* como também novas maneiras de ver as relações entre mulheres” (*UOO*, 1996, n. 25, p. 2, grifo meu). Esses tipos de identificação têm um caráter essencialista tanto do ponto de vista biológico, do que constitui uma mulher fisicamente, quanto do ponto de vista do exercício da sexualidade e/ou afetividade. Essas identificações são notórias, sobretudo a partir do número 26 da revista. Trata-se da edição que inaugura o suplemento *Ousar Viver*, dedicado à saúde sexual das lésbicas.

Nesse sentido, também é possível destacar o espaço dado ao tema da maternidade. O assunto aparece de modo explícito em três dos 16 editoriais analisados. As abordagens do tema variam desde a questão jurídica até os aspectos emocionais que envolvem configurações familiares não tradicionais. Aqui, nota-se uma aproximação de demandas

em relação ao movimento homossexual, já que a questão feminina/feminista perde o protagonismo que se nota em outros editoriais. A perspectiva essencialista para demarcar a identidade da lésbica enquanto mãe pode ser criticada no sentido de que há um retorno à ideia de família mononuclear e tradicional. Mudam-se os sujeitos, mas a forma permanece. Entretanto, no conjunto da construção das representações identitárias verificadas nesta análise, o mais correto seria dizer que a “lésbica-mãe” constitui apenas mais uma possibilidade de existência lésbica, demonstrando a heterogeneidade das mulheres que compõem essa comunidade.

Nesse sentido, deve-se destacar a constituição identitária a partir de uma perspectiva política, ou seja, como resultado de uma disputa discursiva pelo poder (SILVA, 2000) e de uma interação dialógica (HALL, 1997). Para se fazerem notar enquanto sujeitos políticos e detentores de direitos na sociedade brasileira, as lésbicas envolvidas na produção de *UOO* passam a materializar sua existência a partir de aspectos físicos. Por isso, há a presença majoritária de uma definição essencialista da identidade lésbica (seja na forma da mãe, seja na forma da mulher que expressa seu desejo afetivo e/ou sexual por outra mulher, por exemplo).

A identidade emerge, não tanto de um centro interior, de um “eu verdadeiro e único”, mas do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós (HALL, 1997, p. 26).

Feita essa consideração, pode-se entender a experiência da publicação de *Um Outro Olhar* como ilustrativa da articulação entre movimentos sociais e meios de comunicação, proposta por autores como Alexandre Barbalho (2005) e Raquel Paiva (2011). Esta última entende que “qualquer forma de luta política hoje não se faz mais – ou pelo menos não substancialmente – apenas no interior dos aparelhos do Estado. A política hoje se faz sobremaneira dentro e através da mídia” (PAIVA, 2011, p. 38). Barbalho, por sua vez, avança nessa abordagem. Na concepção do autor, a mídia tem um papel que vai além de ser um espaço onde se trava a luta política. “Não seria a mídia o ‘lugar’ por excelência da luta minoritária?”, indaga Barbalho (2005, p. 35). A experiência da Rede *UOO* pode ser lida como uma resposta afirmativa a essa questão. Afinal, a edição de periódicos especializados sempre se constituiu como principal atividade das articuladoras do grupo (CARDOSO, 2004; MAIA, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise empreendida, apresentaram-se várias possibilidades identitárias para compreender a categoria lésbica. Em relação às correntes teóricas detalhadas anteriormente, a identidade que fica mais evidente é a da lésbica feminista, já que o tema da homossexualidade foi constantemente apresentado em articulação com as lutas pela equidade de gênero. Tais referências podem ser lidas como o exercício do *continuum lésbico*, proposto por Rich (1980) e sublinhado anteriormente. Afinal, as ativistas envolvidas na produção do periódico sempre propuseram a articulação dos movimentos de resistência à ditadura – no período pré-constituente – com as demandas feministas, trabalhistas e LGBTs (FERNANDES, 2014). Passado o período ditatorial, as ativistas seguiram propondo essa união de demandas, conforme demonstra a análise dos editoriais de *UOO*.

O Lesbianismo Separatista foi evocado de maneira menos frequente, tendo aparecido de forma superficial e idealizada em apenas dois editoriais. Um deles referia-se a um dos episódios de *Xena*, que envolvia a questão das Amazonas¹⁰. O outro (referente ao número 30 da revista) citava a descoberta do que seria um cemitério onde foram enterradas mulheres guerreiras com espadas de bronze. O local da descoberta coincide com a localização geográfica do que seria o território das Amazonas, pontuado pela mitologia grega.

No entanto, outras possibilidades identitárias foram evocadas. A lésbica é a namorada, a amante, a feminista, a artista, a guerreira e a mãe. Nenhuma dessas identidades pode excluir uma a outra. E nada impede que elas se mesquem e façam emergir novas identidades que ainda nem foram consideradas. Contudo, nenhuma dessas possibilidades identitárias encerra em si o conceito de lésbica ou a performance desse papel.

¹⁰ Comunidade matriarcal e autônoma de guerreiras, referenciada pela mitologia grega. Segundo a historiadora Rosane Volpato, as amazonas, “embora repudiassem o matrimônio, não deixavam, uma vez ou outra, de ter relações sexuais com os vizinhos. As crianças nascidas dessas relações, quando meninas, eram educadas nas artes bélicas e na equitação. Porém, antes do início do processo educacional, as amazonas lhes queimavam o peito direito para não causar obstáculo algum ao lançamento da flecha. Já os meninos eram mortos ao nascer”. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/amazonas-lenda-ou-realidade/>> Acesso em 14 de junho de 2018.

Entretanto, dado o cenário de marginalidade a que estão sujeitos todos aqueles que fogem à heteronorma, há que se materializar, por meio de estereótipos de gênero (BUTLER, 2003), uma representação identitária. A partir dela é possível delimitar um grupo pelo qual se reivindicam direitos. Tal representação é imprescindível nesta sociedade, totalmente contaminada por ideias de representação para materializar tudo que nela se insere ou que dela se exclui.

Deve-se destacar ainda que, a materialização identitária também expressa uma tentativa de união dentro da própria comunidade lésbica. Embora a constituição de redes entre as associadas e leitoras da Rede UOO¹¹ não seja objeto deste estudo, não se pode desconsiderar a intenção de unidade da comunidade lésbica em torno de elementos comuns. Elementos esses que passam, invariavelmente, pela questão da prática sexual, mas que também tocam o consumo midiático (a exemplo do seriado *Xena*), a literatura (constantemente abordada a partir de resenhas), e questões de comportamento.

Para fazer emergir essa(s) identidade(s), a Rede UOO se apropria da linguagem jornalística nos editoriais da revista, recriando-a num espaço de mediação não só entre as lésbicas, mas entre todos. Essa intenção já foi mencionada anteriormente, quando foi destacado o trecho do primeiro editorial da revista, que seria direcionada para lésbicas e “suas simpatizantes”. Nesse sentido, merece destaque também o box que passa a compor a página dos editoriais a partir da edição de número 26. Ele menciona o fato de que a revista é, a partir desse momento: “produzida por mulheres de diferentes orientações sexuais (lésbicas, bissexuais e heterossexuais).” Essa afirmação demonstra a abertura de diálogo com outros atores sociais, reafirmando que as demandas das lésbicas devem contar com o apoio de outros grupos para se concretizarem.

Para o âmbito dos Estudos em Jornalismo, essas considerações são ainda preliminares, mas já abrem caminhos para novas investigações. Afirmações categóricas a respeito de uma construção sólida da identidade lésbica só podem ser feitas quando da conclusão do estudo maior sobre o conjunto da Imprensa Lésbica brasileira, a que este levantamento inicial subsidiará. E a despeito de serem preliminares, esses resultados já podem ser lidos como esforço de pesquisa original de nosso campo, dada a timidez com

¹¹ Para conferir uma abordagem densa e exclusiva desse aspecto em periódicos da Rede UOO, ver Carolina Maia (2017).

que o tema da Imprensa Lésbica é tratado nos Estudos de Jornalismo (SILVEIRA-BARBOSA, 2018).

Essa contribuição é o objetivo fim dos estudos desta autora. Nesse sentido, cabe aqui a reflexão proposta por Marialva Barbosa (2004), ao teorizar sobre o papel daqueles que se propõem a pesquisar a história da imprensa. A iniciativa de contar a história da Imprensa Lésbica no Brasil é, antes de tudo, é uma tentativa de romper o silêncio sobre o tema nos Estudos de Jornalismo.

REFERÊNCIAS

BARBALHO, Alexandre. Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 27-39.

BARBOSA, Marialva. Como escrever uma história da imprensa? In: **II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**, 2004, Florianópolis. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004-1>> Acesso em 14 de junho de 2018.

_____. **História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauadx, 2007. v.1. 262 p.

_____. **História Social da Imprensa - Brasil (1900-2000)**. In: **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2007, Santos. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0085-3.pdf>> Acesso em 09 de julho de 2018.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinitivo**. Porto Alegre: Sulina, 1981.

BERGER, Peter L.; LUKHMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. [1966] 10ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Elizabeth. Imprensa feminista brasileira pós-1974. **Revista Estudos Feministas**, v.12, número especial, p. 37-55, 2004.

FALQUET, Jules. **Breve reseña de algunas teorías lésbicas**. México: fem-e-libros, 2004.

FERNANDES, Marisa. Lésbicas e a ditadura militar: uma luta contra a opressão e por liberdade. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e**

homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos, EdUFSCar, 2014, p. 125-148.

GIL, Antonio Carlos Gil. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2016.

GOMES, Marcelo Bolshaw. Os pergaminhos de Amphipolis - aforismas meta narrativos sobre a saga da princesa guerreira. **Temática** (João Pessoa. Online), v. 09, n.10, p. 50-69, 2013.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

LESSA, Patrícia. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (1979- 2006).** 2007. 261 f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília.

MAIA, Carolina. **Entre armários e caixas postais: escritas de si, correspondência e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira.** 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MEDITSCH, E. B. V.. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos.** 1ed. Florianópolis: Insular, 2010, v. 1, p. 19-42. Disponível em: <http://www.academia.edu/10457594/Jornalismo_e_Constru%C3%A7%C3%A3o_Social_do_Acontecimento> Acesso em 25 de junho de 2018.

MORAGA, Cherrie; ANZALDÚA, Gloria. **This bridge called my back: writings by radical women of color.** Watertown, Massachussets: Persephone Press, 1981.

PAIVA, Raquel. Minorias flutuantes e ativismo social. In: BARBALHO, Alexandre; FUSER, Bruno; COGO, Denise (orgs.). **Comunicação e cidadania: questões contemporâneas.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2011. p. 28-40.

PÉRET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil.** São Paulo: Publifolha, 2011.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Signs**, v. 5, n. 4, Women: Sex and Sexuality, p. 631-660, 1980.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVEIRA-BARBOSA, Paula. Prensa Lesbiana en Brasil: ¿dónde está esta historia? **In: XIV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC)**, 2018, San José, (no prelo).

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos.** Tradução de Javier Sáez y Paco Vidarte. Madrid: Egales, 2006.

PERIÓDICOS

Um Outro Olhar, São Paulo: Rede de Informação Um Outro Olhar, nº 22, Maio/1995. –
Quadrimestral.

Um Outro Olhar, São Paulo: Rede de Informação Um Outro Olhar nº 25, Dez-abr/1996-
1997. – Quadrimestral.

Um Outro Olhar, São Paulo: Rede de Informação Um Outro Olhar nº 26, Ago-dez/1997.
– Quadrimestral.

Um Outro Olhar, São Paulo: Rede de Informação Um Outro Olhar nº 30, Mar-jun/1999.
– Trimestral.

Um Outro Olhar, São Paulo: Rede de Informação Um Outro Olhar nº 34, Fev-abr/2001.
– Trimestral.